

1.

Introdução

Corpos *Queer* ou Corpos Polimorfos é uma dissertação de mestrado desenvolvida na linha de pesquisa de estudos em Estética e imagem corporal, do Laboratório da Representação Sensível – LaRS, do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio.

O tema aqui exposto foi abordado em razão da necessidade de compreensão das manifestações que permeiam o universo da aparência e das sexualidades desviantes. A cidade do Rio de Janeiro, sendo uma das mais antigas do país, compreende o lócus da observação em razão da mesma apresentar cena noturna muito rica para a observação.

O escopo desta pesquisa compreende as manifestações corporais contempladas no âmbito da cena gay carioca e suas performatividades, tendo como foco o corpo e o discurso dos seus enunciadores, à luz da teoria *Queer*.

A denominação *Queer* pode ser considerada um conceito que sugere estranhamento às formas de sexualidade desviantes contemporâneas. Surgida em meados do século XX, é um termo que serve para referir-se a formas não-hegemônicas de vivência da sexualidade. Polimorfo é uma expressão que remonta aos três ensaios sobre a sexualidade de Freud, em que ele define a sexualidade humana como perverso-polimorfa, definição esta que considera essa sexualidade perversa por buscar a afirmação do prazer e polimorfa por assumir as mais diversas configurações.

Em relação a tal objeto de estudo, a abordagem teórica trabalhada traz a proposta de deslocar e questionar categorias e definições reificadas no campo acadêmico com o fim de desconstruir definições dominantes.

O estranhamento afirmado acima é uma condição colocada diante das manifestações desviantes da vivência e expressão da sexualidade. Muitas das manifestações desviantes observadas tomam como viés de expressão as performatividades que serão observadas no decorrer do trabalho.

A performance, categoria evocada para a compreensão dos fenômenos observados, surge da necessidade de criação de modos de expressão que fazem uso do corpo como matriz discursiva, não o reduzindo à sua dimensão material, mas explorando também outras dimensões, transformando esse ente em uma obra artística.

Entendemos performatividade como um termo assimilado das artes plásticas para denominar manifestações que se caracterizam por uma pluralidade de linguagens, como também apresentam uma complexidade muito própria para a contemplação e observação.

O corpo é o objeto de estudo de nossa investigação, por se constituir o suporte de discursos, que o tornam significantes nas mais diversas manifestações cotidianas e artísticas, consolidando-se como um artefato discursivo.

Este trabalho parte do interesse em compreender a questão da aparência pessoal no âmbito da expressividade, analisando as formas como os transformistas idealizam a sua auto-imagem. Entre os recursos utilizados para essa transformação, incluem-se adereços, indumentárias, maquiagem, entre outros. Pretendemos entender de que modo a imagem pessoal se institui como construção pessoal, intencional, elaborada, e carregada de significados, como refletem valores e normas construídas pelo grupo em questão (CASTILHO, 2004).

São observadas neste trabalho as diferentes formas em que se incorpora o imaginário, as diferentes maneiras como se vivencia o imaginário. Investigaremos como as figuras do imaginário são incorporadas como vivências. Compõem o material analítico do presente trabalho quatro entrevistas com *performers* de grande expressividade na cena gay carioca.

As manifestações observadas na fase analítica desta pesquisa trazem à superfície os paradoxos e ambivalências dessa forma de subjetividade. Desse modo, semelhantes formas de caracterização ou aparência ficam mais evidentes aos nossos olhos.

As caracterizações em questão tomam feições humanas e se espetacularizam num ritual que toma conta das ruas, gerando as mais opostas reações dos espectadores: ora a sedução da liberdade e do desejo sexual exposto em público, ora o choque e a repulsa dos mais moralizadores, não acostumados com o espetáculo exibido.

As performatividades se encontram no lugar da diferença e do estranhamento. Não é pouco comum fazerem alusão a elementos pertencentes ao senso comum a fim de produzirem enunciados desconfortáveis e críticas às situações rotineiras da vida cotidiana e à estereotipia. A *performance* se situa no espaço de ruptura aos códigos dominantes.

Procuramos refletir sobre o fato de uma simples categoria, criada em contexto histórico e cultural muito específico, apresentar tão diversas formas de caracterização.

Visamos entender como o corpo se constitui em suporte de um discurso não-verbal, como articula identificações com os demais indivíduos, como se institui na superfície de inscrições culturais e é modelado a partir de forças subjetivas (Butler, 2003).

Entendemos aqui o transformismo como um *locus* oportuno para a reflexão, em razão da necessidade de investigar o processo de produção de sentidos na elaboração da aparência pessoal do indivíduo. Tal elaboração, a do transformismo e seu caráter performativo, traz consigo inúmeras complexidades inerentes à sexualidade e à representação de si no universo público.

No universo do design, esse aspecto se mostra sobremaneira relevante, pois a configuração e o desenvolvimento de todos os artefatos que nos rodeiam requerem elaboração e produção consciente de enunciados, sobretudo aqueles que dialogam intimamente com o corpo.

Encontramos nesse processo formulações intuitivas, que carregam a vivência e o universo periférico do transformismo, a marginalidade da homossexualidade, e as mais diversas representações do feminino elaboradas por essas figuras do discurso.

O objetivo geral desta pesquisa reside em observar os usos e significados do corpo no contexto em questão, bem como sua inserção no campo do design à luz da teoria *Queer*, e tem como objetivo específico buscar através de análise de discurso e de entrevistas, os significados subjacentes às expressões e manifestações estéticas que têm por suporte o corpo. Tais etapas foram estabelecidas no intuito de investigar os significados dessas *performances*, e de revelar as estratégias desenvolvidas por cada artista para a sua exposição pública, cujos resultados foram planejados como metas.

Mas que especificidades as “técnicas corporais” dos transformistas trazem de relevante para uma reflexão sobre as manifestações corporais? Como mencionado anteriormente, a aparência – forma pela qual os transformistas se configuram – é um dos elementos mais relevantes para a representação do indivíduo em sua vida cotidiana, principalmente no contexto de fragmentação e anonimato, típico dos aglomerados urbanos contemporâneos.

Entendemos aqui o transformista como um sujeito que faz uso de artefatos e adereços atribuídos ao sexo oposto, seja na intenção de assemelhar-se, seja no intento de ironizar a aparência do gênero oposto. O transformismo traz em si

uma ruptura da relação entre público e privado, trazendo ao “privado” uma forma de representação hiperbólica, exagerada e teatral da concepção desses indivíduos sobre o feminino.

As representações dessas figuras trazem a público as dicotomias de gênero, a relação público-privado, e determinada elaboração caracterizada por grande esmero e cuidado.

Na elaboração textual aqui presente foram remontadas algumas escolas teóricas que tratam dos temas discutidos. A questão da produção de sentido por meio do corpo foi elucidada a partir de teóricos da *Performance*, representados por Glusberg (2005) e do campo da Semiótica, como Santaella (2004) e Baitello (2005). No que concerne à sexualidade, algumas considerações foram extraídas do trabalho de Michel Foucault (1984; 1988; 1999; 2000; 2002) e da teoria *Queer* representada pela Guacira Lopes Louro (2004). A produção de sentido por meio das manifestações corporais também foi evocada pelos escritos da Kathia Castilho (2002; 2004; 2005). Estes e outros escritores compõem as fontes de literatura que fazem parte da dissertação.

Vemos que a elaboração desta pesquisa pode servir para uma maior compreensão acerca das formas desviantes de manifestação da sexualidade. Outro grande avanço que a presente investigação pode trazer concerne à compreensão das manifestações corporais como uma linguagem no âmbito do design. Outro papel relevante da pesquisa é a ampliação das margens de tolerância social quanto à homossexualidade através da discussão sobre as suas manifestações lingüísticas.

Por que transformismo?

Tomamos as *performances* de transformismo como objeto de nossa observação, porque tais manifestações trazem em si as dicotomias do jogo das aparências na vida cotidiana. Transformar-se em figura feminina, é um processo em que a identidade masculina perde sua visibilidade, e nova identidade, feminina, toma conta do corpo do *performer*.

A teoria *Queer* com sua proposta descentrada e desconstrutiva, nas palavras de Seidman (1995, p. 25) *apud* Louro (2004, p. 39), oferece um olhar muito oportuno diante do transformismo, que é uma performatividade cuja ambiência é a das sexualidades desviantes. A teoria *Queer* é um olhar de estranhamento e o transformismo é uma performatividade.

O transformismo é pauta na teoria *Queer* em razão desta se tratar de uma das mais hiperbólicas manifestações de questionamento das barreiras de gênero. O transformismo, por si, também lança mão do estranhamento como estratégia discursiva.

As manifestações de *performance* têm seu caráter desnaturalizante e questionador que fazem parte de seu mote artístico. Elas também sustentam o objetivo de colocar em crise as meta-narrativas e grandes discursos, através de ironia e do sarcasmo.

“A *performance* não é um jogo e sim uma máquina simbólica, que na sua multiplicação artística aponta os caminhos do desenvolvimento corporal, utilizando os recursos mais cotidianos com os fins mais inéditos” (GLUSBERG, 2005, p.103).

Qual seria o sentido da feminilidade para esses indivíduos? Por que a feminilidade representa o ideal perseguido por essas figuras? Por que muitos deixam de lado uma aparência masculina para dedicar-se a uma elaboração repleta de artifícios cromáticos e topológicos, a fim de sustentar, por algumas horas do dia, uma feminilidade, ora sedutora e romântica, ora caricata.

O advento da *performance* buscava uma revolução entre as formas de expressão artística, que visavam a aproximação da vida à arte, fazendo com que os artistas se aproximassem da realidade social. A *performance* surge como manifestação que convergem linguagens como teatro, mímica, dança e fotografia, música e cinema. A proposta era hibridizar tais manifestações em uma nova linguagem (GLUSBERG, 2005).

Vemos que a reflexão aqui proposta ultrapassa as fronteiras do universo do design, e requer um esforço transdisciplinar para a sua elucidação e seu esgotamento. A análise demanda uma busca em áreas como a antropologia, a semiologia e a psicanálise, para entendimento mais profundo da questão.

Seria a elaboração desses personagens relevante e pertinente ao universo do design? Seria tal elaboração legítima? Vários sociólogos, antropólogos, psicólogos e médicos já legitimaram estudos do corpo e da aparência como importantes para a decifração de matizes culturais e pessoais do indivíduo. Antes mesmo de escolas filosóficas tradicionais como o Estruturalismo, antropólogos já observavam o corpo como objeto de reflexão de questões pertinentes à cultura. Marcel Mauss (1974), por exemplo, a partir da noção de técnicas corporais, dissocia o corpo simbólico do anatômico. As técnicas corporais constituem, antes de tudo, o modo pelo qual os homens, em acordo com a sociedade, servem-se dos seus corpos.

Observações sobre o corpo no âmbito do design são demandas desse universo de estudo em razão das transformações recentes desse campo do saber, na descoberta de novos suportes, dentre os quais o corpo se insere. Reflexão sobre o corpo por um viés simbólico se faz necessário em razão da discursivização desse ente no âmbito da linguagem.

O corpo é o primeiro e o mais instintivo instrumento do homem. O corpo do indivíduo seria ao mesmo tempo suporte e matriz geradora de vários sentidos em uma cultura. A aparência pessoal é uma construção intencional, elaborada e carregada de significados. Compreender como se dá esse processo de construção da aparência, bem como a sua formulação imaginária, configura o universo desta dissertação.

Nesta pesquisa, as *performances* do transformismo constituíram objeto de estudo porque o ato de transformar-se em mulher é um processo em que o indivíduo “homem” obtém visibilidade através da feminilidade que lhe é proporcionada com a construção de nova imagem corporal. A feminilidade é o ideal a ser atingido pelo universo transformista, cabendo aqui uma indagação a respeito do porquê de este ideal ser perseguido. Assim, é possível concluir que a reflexão aqui proposta requer um aporte de pesquisa transdisciplinar, partindo do design e atravessando áreas como sociologia, antropologia e psicologia. Pois, segundo pesquisas realizadas, esses campos do saber já apresentaram estudos legítimos sobre o corpo e a aparência como índices importantes para a decifração de matizes culturais na tarefa de construção da imagem pessoal.

O design se constitui como uma atividade que se propõe a desenvolver todo artefato que compõe o entorno material do indivíduo, tido como centro de seu processo criativo e projetual. O corpo, além de seu caráter antropométrico e material, produz e emite sentidos, e se mostra carregado de significados eminentemente culturais. A aparência pessoal representa um dos elementos mais relevantes para a representação do indivíduo em sua vida cotidiana.

A nossa inquietação diante do tema se deu em razão do transformismo se apresentar como uma das manifestações mais hiperbólicas da aparência, na qual a sexualidade e a fantasia estão entremeadas nos recursos expressivos dos artistas.

Com o objetivo de investigar os significados da elaboração das *performances* dos “artistas” bem como de revelar as respectivas estratégias discursivas na exposição pública, suas “performatividades” foram analisadas através da técnica de observação e de entrevistas não-estruturadas, forma pela qual o pesquisador vai conduzindo a investigação, elaborando as questões das

entrevistas de acordo com a reação e o discurso do entrevistado (processo realizado através de gravações em áudio e fotografias).

Assim, para a obtenção dos dados desta pesquisa, a cena gay noturna carioca foi focalizada, e através da pesquisa foram levantados nomes e figuras com representatividade no meio.

Dessa forma, a metodologia utilizada, num primeiro momento, consiste em pesquisa de natureza exploratória, envolvendo levantamento bibliográfico com a finalidade de investigar os significados das elaborações dos artistas e revelar as estratégias presentes em sua exposição pública.

As entrevistas aqui realizadas focalizaram as formas de elaboração e construção dessas performances. Visaram elucidar a forma como esses personagens são construídos, no âmbito de sua aparência e de sua subjetividade. A entrevista visou elucidar os aspectos subjetivos dessas construções, bem como seus condicionantes na elaboração da imagem corporal.

Também foi utilizado na pesquisa o método de abordagem denominado Observação-Participante, no qual o observador interage com a realidade que lhe é apresentada, observando as dinâmicas, as vivências e os sentidos emanados pelo discurso verbal e não-verbal da experiência.

A teoria *Queer* proposta nesta pesquisa entra no contexto como forma de olhar que sugere o estranhamento perante o objeto de observação em questão, refletindo de maneira “pós-identitária”, buscando de modo rudimentar questionar representações reificadas no campo acadêmico (LOURO, 2005).

Tais investigações se justificam, a princípio, no universo do design, em razão do corpo ser o “ente” material e simbólico, tido pelo design como centro do seu processo criativo e projetual.

As *performances* de transformismo aqui observadas foram analisadas a partir da observação das “performatividades”, de entrevistas não-estruturadas com seus intérpretes pertencentes à cena gay noturna carioca e também foram expostos registros fotográficos do processo de caracterização do personagem desenvolvido por estes artistas, todas essas são etapas que foram contempladas no desenvolvimento do trabalho.

O ferramental aqui utilizado é sobretudo o olhar, é ele que permite a contemplação do nosso objeto de observação e estudo. E o olhar do designer favorece uma observação antes de tudo atenta e poética diante do nosso entorno material e simbólico, possibilitando-nos uma interpretação sobre os matizes culturais e subjetivos da nossa cultura material.

Mas que olhar seria esse, o do designer? O olhar do design seria um olhar antes de tudo privilegiado sobre os entes materiais de nossa cultura, que permite uma observação atenta sobre a configuração e percepção dos nossos artefatos culturais, que antes de tudo, concretizam nossas representações imaginárias, simbólicas e subjetivas.

Seria um olhar que desmonta as estratégias discursivas desses artefatos, que permite sua inteligibilidade para a nossa percepção, artefatos esses que requerem sempre novas observações e interpretações para a compreensão de suas singularidades e suas representações em nosso imaginário.

Ao olharmos não somente contemplamos aquilo que nos veem aos olhos, mas também aquilo que nos parece invisível, nos possibilitando uma compreensão do outro, do eu e do mundo. Vemos nas palavras de Esquirol (2008) que o olhar do observador é a grande instância arbitrária da significação.

O filósofo Esquirol em uma recente publicação expõe as dimensões sógnicas do olhar no âmbito filosófico:

“O olhar atento há de ser suficiente para se chegar, por outro caminho, a recuperar, ao menos em parte, a significação que o sagrado teve em outras épocas; acrescida da vantagem de que o olhar atento não só pode levar à questão do sagrado, mas também – e com inteira naturalidade – a temas análogos indicados por termos como: pudor, moderação, vergonha, escrúpulo, indulgência, consideração, etc” (ESQUIROL, 2008, p.18).

Para tentar elaborar um modo de contemplação dessas manifestações, remontamos o que se fala a respeito das performances artísticas. As *performances*, na condição de expressões artísticas, devem ser contempladas para além das categorias reducionistas de expressão e conteúdo. Além das complexidades que tangem à natureza “estático x dinâmico”, comum nas artes plásticas, a performance apresenta a sua dimensão temporal, que por si vai além da sua dimensão cronológica.

O Universo Transformista

Com o desafio de levantar informações, tendo em seu repertório algumas representações das *performances* de transformismo, este trabalho debruçou-se sobre a cena gay noturna carioca.

Contextualizando a questão, a cena gay noturna de uma grande cidade se constitui também em palco de transgressão de todas as tribos. É o espaço reservado ao sujeito para se expressar através de suas vestimentas, seu léxico e seu corpo. Nos grandes aglomerados urbanos contemporâneos, esses espaços de lazer – tais como clubes noturnos, boates, saunas, entre outros – são alvo de investimentos da iniciativa privada, pois representam a alternativa de diversão para o público *gay*. Em um contexto caracterizado pela fragmentação, tais espaços vão desde garagens de casas a grandes complexos noturnos, e não deixam de ser relevantes ao universo do design, por constituírem riquíssimas matrizes produtoras de sentido. Estas últimas compreendem diversos suportes e recursos; aqui será privilegiada a forma através da qual se manifestam os *performers gays*.

Na tribo em questão, as formas de lazer sempre foram caracterizadas por uma marginalidade específica. Pelo fato de representarem uma tribo transgressora, os *gays* historicamente tiveram seus espaços de sociabilidade voltados a boates, saunas *gay* e clubes noturnos. Tal caráter marginal talvez faça da cena *gay* um espaço legítimo de transgressão, cujos hábitos e práticas muitas vezes são assimilados pelos segmentos mais tradicionais da sociedade, em virtude de seu potencial criativo. Entende-se como transgressão o ato de infringir regras, normas e valores.

A cidade do Rio de Janeiro é uma das mais ricas em opções de diversão GLBT (Gays, lésbicas, bissexuais e transexuais). Com uma história de transgressão e de vanguarda, associada a intelectuais e artistas engajados na causa *gay*, a cidade conta com algumas boates já tradicionais na Zona Sul, e outras na Zona Norte. As opções não se restringem a boates, compreendem também saunas, onde são apresentadas *performances* de transformismo.

A cena *gay* do Rio é carregada de dicotomias e diferenças, que refletem a diversidade daqueles que a constituem. Os espaços de sociabilidade aqui apresentados carregam em si várias distinções, e uma das principais é o perfil do seu público.

Aspecto relevante a ser analisado consiste no fato de as apresentações de transformismo se mostrarem mais comuns nas boates situadas na Zona Norte da cidade do que nas da Zona Sul, em função do perfil de seu público.

Quanto à transformação e à *performance*

O caráter expressivo da *performance* e a atitude de se transformar são elementos que requerem maior reflexão no presente trabalho, em função da complexidade de sua elaboração, que evoca os mais diversos sentidos para a sua compreensão.

Construir a própria aparência, como exaustivamente afirmado aqui, constitui atividade consciente, elaborada, carregada de intenções e significados, em razão da necessidade do homem de singularizar-se. Tal construção, reflexo da insatisfação do ser humano com o seu ser natural, permite-lhe alçar da condição de “biológico” à categoria de cultural.

O corpo se apresenta como suporte de estruturas narrativas; sua elevação à condição cultural se dá por meio de inúmeras coerções educativas que, aparentemente, assumem o lugar de construções simbólicas, mas de fato são estruturantes no que se refere à apresentação do indivíduo em sua vida cotidiana.

A *performance* pode ser entendida como um programa narrativo, criando efeitos de sentidos diversos, da qualificação à particularização, de distinções a posicionamentos. A *performance* se insere no contexto da recepção ou, pelo menos, pretende estabelecer: um diálogo provocador ou articulador com a alteridade (CASTILHO, 2004).

O gestual, o corpo, o discurso oral e recursos áudio-visuais entram no programa narrativo da *performance* e produzem sentidos junto às suas diversas formas de expressão. É uma manifestação artística contemporânea muito rica em sentidos e significados.

As configurações assumidas pelo corpo podem ser entendidas como expressões identitárias ou máscaras que permitem ao sujeito metamorfosear-se. Tais transformações se estruturam como estratégias discursivas dentro de um regime de visibilidade.

Observações mais profundas quanto à *performance* dos artistas em questão serão expostas no decorrer da apresentação da pesquisa. É privilegiado na observação feita pelo pesquisador, o corpo dos artistas entrevistados, afinal, ele é o suporte da transformação.

As entrevistas

Temos por objetivo principal na elaboração desta pesquisa observar os usos e significados do corpo na cena *gay* carioca, e sua interlocução com o universo do design. Através de análises de discurso e entrevistas, vamos elucidar os significados subjacentes, as expressões e manifestações estéticas que têm por suporte o corpo.

A seleção dos entrevistados foi feita de maneira ocasional através de observação das apresentações.



Fig. 3: Da esquerda para a direita, os entrevistados da pesquisa: Kayka Sabatella, Meime dos Brilhos, Suzy Brasil, Thammy La Close.

O primeiro entrevistado, sustentando o personagem Kayka Sabatella, foi encontrado pelo pesquisador em uma sauna *gay*, situada no bairro da Glória. O artista despertou a atenção do entrevistador por sua irreverência e suas formas exageradas.

O segundo entrevistado, velho conhecido da noite *gay* carioca, defendendo o personagem Meime dos Brilhos, foi descoberto pelo pesquisador enquanto apresentava shows de transformismo em um cabaré situado na Lapa, Rio de Janeiro.

O terceiro entrevistado, Suzy Brasil, foi localizado pelo pesquisador em uma boate situada na Zona Norte. Grande expoente da cena contemporânea *gay* do Rio, Suzy traz um discurso carregado de irreverência e originalidade.

O quarto entrevistado da pesquisa leva o codinome de Thammy La Close, *transformer* “bate cabelo”, que apresenta o personagem na mesma boate do entrevistado anterior. La Close sustenta em sua *performance* um personagem carregado de feminilidade e erotismo.

Aqui expomos uma parte do que vamos descrever no decorrer da elaboração desta pesquisa. Antes de apresentarmos a análise das entrevistas, precisamos contextualizar a investigação no campo de estudos em questão, argumentando sobre a pertinência das investigações relativas à linguagem e corpo no universo do design, revelando o papel exercido pelo corpo no processo projetual e na produção de sentidos através da construção da aparência pessoal.

São inúmeras as controvérsias sobre o peso de tais observações dentro de um trabalho científico produzido no âmbito do design, uma vez que este último traz consigo as racionalidades dessa episteme tão característica à modernidade. Porém, argumentamos que o design proporciona um olhar muito rico para a observação de tais manifestações.

Posteriormente procuramos conceituar a teoria *Queer*, apresentando suas definições, identificando-a como termo que propõe uma desconstrução em relação às políticas identitárias vigentes, caracterizadas por seu aspecto generalista e unificador, detentoras do caráter normativo e regulador das práticas sexuais. Serão apresentadas reflexões sobre a homossexualidade e seu significado na subjetividade moderna.

Desta forma buscou-se um entendimento das manifestações corporais em seus matizes culturais mediante esforço transdisciplinar sob a perspectiva do design.